



METROPOLE

SSA-BA

WWW > JORNALDA METROPOLE > COM > BR

17 JUN 2021

Autodeclarado a reencarnação de Cristo, líder espiritual é acusado de praticar crimes sexuais e charlatanismo. Denúncia completa um ano e o 'guru' segue foragido. Págs. 4 a 6

Onde está Jair Tércio





James Joyce é pop no país dos analfabetos

James Martins

Quando era adolescente, ouvi de meu pai que o Brasil tinha uma quantidade de analfabetos semelhante à população total da Argentina. Eu não sabia quanto isso dava exatamente, mas achei muito. Não sei também se hoje a proporção permanece a mesma, mas ainda acho demais. E isso sem contar os analfabetos funcionais, pois aí teríamos que incluir grande parte dos universitários, blogueiros e das torcidas de Bahia e Vitória. Enfim, nosso desempenho educacional faz vergonha desde muito antes da pandemia. Porém, que país estranho esse nosso. Ontem, por exemplo, 16 de junho, celebramos em grande estilo, junto a todo o mundo letrado, o Bloomsday, isto é, o dia em que se passa a ação do “Ulisses” — simplesmente o mais sofisticado e desafiador romance já escrito, obra de meu xará irlandês James Joyce.

E é claramente digno de nota e de espanto que o mesmo país que produz vergonhosas maltas de iletrados, tenha também produzido três traduções do “Ulisses” — número que nos põe à frente de várias nações muito mais desenvolvidas, como Alemanha e Portugal. Mas não é só isso. Nossa relação com James Joyce é em si um dado estranho e revelador. Tanto assim que até o escritor bra-

sileiro mais famoso, o milionário Paulo Coelho sentiu-se enciumado e, em 2012, cunhou a piada que, em minha opinião, é sua melhor obra: “Se você diseca ‘Ulisses’, dá um tuíte”. 16 de junho de 1904 foi o dia em que Joyce e Nora Barnacle, sua futura esposa, tiveram o primeiro encontro. Espremer toda a odisseia homérica nesse dia único é considerada a maior homenagem que uma musa já recebeu. Ela, porém, nem leu o livro. Agora reparem como tal contraste, simbolicamente, parece o próprio Brasil.

Sim, nós somos uma estranha convivência de altas letras e analfabetismo galopante, poesia concreta e escolas falidas, professor Caetano Galindo e o juiz Sérgio Moro falando “conge” na mesma República de Curitiba. E por falar em contrastes, Anthony Burgess, autor da “Laranja Mecânica”, um joyceano apaixonado, era soldado raso na Nortúmbria em janeiro de 1941, plena Segunda Guerra Mundial, quando o escritor morreu. A notícia só chegou-lhe uma semana depois, pelo Daily Mail velho que usava para lustrar as janelas. “Meu Deus! James Joyce morreu!”, exclamou, para espanto de um sargento que quis saber quem era o tal. “O autor do Ulisses”. “Aaaaah, aquele livro sujo. Continue

trabalhando”. Muito famoso como inovador, difícil ou obscuro, pouca gente observou que Joyce valoriza como ninguém a pessoa comum, o dia comum da pessoa comum que, só com ele descobrimos, não têm (ou podem não ter) nada de banal. Que é ele quem nos mostra aquilo que Caetano diria tempos depois: “de perto ninguém é normal”. Que seja corno, camelô, sargento ou juiz de primeira instância, todo mundo tem algo de mito grego.

Que o mesmo Brasil dizimado pela ignorância apresente um interesse especial pelo escritor poderia ser explicado, então, por uma freudiana aproximação de nossa gente ordinária pelo seu autor. Mas a verdade é o contrário, é a revelação de que, super joyceanamente pensando, somos mesmo um povo extraordinário. “Bem vinda, ó vida”, como disse o próprio. Fica agora a obrigação de estarmos à altura de nós mesmos.



ARTIGO

METROPOLE

Publisher **Editora KSZ**
 Diretor Executivo **Chico Kertész**
 Editor-chefe **André Uzêda**
 Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
 Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
 Redação **Adele Robichez, Alexandre Santos, André Uzêda, Gabriel Amorim, Juliana Rodrigues e Luciana Freire**
 Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial (71) 3505-5022
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226 Pernambuco CEP 41100-010
 Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

UM TRÂNSITO SEGURO DEPENDE DE VOCÊ TAMBÉM.



Salvador tem investido cada vez mais num meio de transporte econômico, seguro, limpo e moderno. Hoje a cidade já conta com 302 quilômetros de ciclovias e 50 estações, com 400 bicicletas compartilhadas. Quando alguém vai de bike, a atmosfera e o trânsito agradecem. Motorista, respeite, apoie e incentive o ciclista.

DICAS IMPORTANTES PARA UMA CONVIVÊNCIA SEGURA E HARMONIOSA NO TRÂNSITO:



• **Motorista**, não cole na traseira da bike: guarde uma distância de pelo menos 1,5 metro. Em conversões, dê preferência à bike. E nunca estacione ou pare na ciclofaixa.



• **Ciclista**, evite usar fones de ouvido ao pedalar e respeite a sinalização de trânsito. Desça da bike sempre que for atravessar a via ou usar uma passarela.

PEGUE SUA BIKE  E FAÇA PARTE



MOVIMENTO
**SALVADOR
VAI DE BIKE**

MOVIMENTO DE INCENTIVO AO USO DA BICICLETA EM SALVADOR.



O 'Iluminado' desapareceu nas sombras

Réu em processo de charlatanismo e abuso sexual, Jair Tércio desapareceu quando teve prisão preventiva decretada. Poderoso, foi grão-mestre da maçonaria e controlava organização de ensino

Texto **André Uzêda e Luciana Freire**
redação@metro1.com.br

Mergulhadora de resgate profissional, Tatiana Badaró viveu cinco anos imersa entre a burocracia jurídica e as ameaças veladas. Isso desde que, em 2015, decidiu que precisava romper o ciclo de abusos sexuais e psicológicos aos quais era submetida, desde os 16 anos.

O respiro libertador veio no dia 16 de junho de 2020, quando trouxe à superfície os crimes cometidos pelo líder religioso Jair Tércio Cunha Costa, de 67 anos. Na data – que completa exatamente um ano esta semana –, Tatiana Badaró formalizou uma denúncia ao Conselho Nacional do Ministério Público, em Brasília.

Antes de chegar à capital federal, ela havia tentando em Salvador, sem sucesso, expor os crimes cometidos pelo então respeitado guia espiritual. Tanto na delegacia dos Barris, quanto na da Mulher, em Brotas, ouviu semelhantes respostas desencorajadoras: sair daquela opressão era apenas uma escolha pessoal.

Não era. Até efetivamente conseguir denunciar os crimes na Justiça, Tatiana

recebeu mensagens que variavam no tom, entre a advertência e a clara intimidação. Teve ainda o celular hackeado, com fotos pessoais circulando em grupos de WhatsApp. Assustada, em duas semanas, organizou suas coisas e se mudou às pressas para Florianópolis.

“Meu maior medo era nunca conseguir denunciar. Desde que rompi com Jair e com a filosofia pregada por ele, meu medo era não conseguir levar adiante as denúncias por todas as falhas do sistema para acolher as vítimas. Eu não tinha mais medo dele. Eu desisti de ter medo. Precisava apenas conseguir expor todo tipo de violência que havia sofrido”, afirma.

A FUNDAÇÃO

Tatiana ingressou na Fundação OCIDEMNTE em 2003. Na época, com 16 anos e grávida, foi convidada pelo então marido, pai da bebê que esperava.

Jair Tércio era grão-mestre da loja maçônica da Bahia e se autoproclamava

o “Iluminado”, se descrevendo como a própria reencarnação de Moisés e também de Jesus Cristo.

Desenvolveu uma doutrina, chamada de ‘Imutabilismo’, com dogmas descritos e estudados em livros.

Os mandamentos eram aprofundados em retiros espirituais promovidos por ele na Chapada Diamantina. O slogan da fundação era “o marco da nova humanidade”. E o objetivo era disseminar o conhecimento ao máximo para espiritualizar homens e mulheres.

Justamente por esta razão cresceu seus tentáculos no campo pedagógico. A Fundação OCIDEMNTE, fundada em 1984, era a instituição central, que organizava as demais. O grupo possuía ainda o Instituto Superior de Educação (ISEO) – com convênio com o Ministério da Educação (MEC) – e a escola Ananda, da educação infantil até o ensino médio. Há ainda a banda de música Mahatma, completando o aparato da organização.

Os abusos, conta Tatiana, não demoraram a aparecer.



“Os primeiros foram psicológicos. E cada vez foram se intensificando até que se criasse uma dependência de Jair Tércio. Quando eu fiz 21 anos, ele usou a desculpa que eu tinha atingido a maturidade espiritual e que ele precisava equilibrar minha energia. Ele me levou na casa dele, disse que eu precisava da energia dele para me limpar, e me estuprou”, relata.

Outras mulheres ouvidas pela reportagem contaram histórias semelhantes. Por segurança, pediram anonimato.

“Ele pedia que eu me masturbasse na frente dele. Ele passou a controlar tudo da minha vida. Desde o que deveria vestir, o curso que deveria estudar até como deveria me portar diante do meu marido. Não tinha como confrontar ele. Como iria confrontar um ser Iluminado?”, revela.

“Quando pequena, ele abusava outras 16 meninas que eu conhecia. Muitas delas não vão falar sobre o que aconteceu. Eu falo porque é importante para que peguem ele. Os abusos dele

contra mim duraram mais de 20 anos”, detalha uma terceira vítima.

FORAGIDO

Em 17 de julho de 2020, o processo chegou até o Ministério Público da Bahia. Ao todo, em Brasília, 14 mulheres prestaram queixa contra Jair Tércio. Mas, ao formalizar o processo no estado, o número

Ele me levou na casa dele, disse que eu precisava da energia dele para me limpar, e me estuprou

ficou restrito a quatro denunciante. A Fundação OCIDEMNTE não é citada em nenhuma destas denúncias. Todas são exclusivamente de Jair Tércio.

“Alguns casos já haviam prescrito. Outros tratavam de outros tipos de crimes. Fechamos questão nos crimes sexuais, na vara especial Maria da Penha”, esclarece Sara Gama, promotora que conduziu o caso à época.

O ‘guru’ passou a responder pelos crimes de estupro de vulnerável (pela incapacidade da vítima oferecer resistência), charlatanismo e lesão corporal por ofensa à saúde mental.

No começo de agosto foi veiculado no Fantástico, programa da TV Globo, uma reportagem esmiuçando a história. Foi a primeira vez que o caso veio a público. No dia seguinte, Tatiana Badaró deu entrevista a Mário Kertész, na **Rádio Metropole** trazendo novos detalhes dos abusos.

Dias depois, Jair Tércio foi ouvido pelo MP e negou as acusações. Disse que todas as relações sexuais haviam sido praticadas de forma consensual.

No dia 17 de setembro do ano passado, o MP deflagrou a ‘Operação Fariseu’ com mandado de prisão preventiva contra ele.

O ‘Iluminado’ foi procurado no endereço que havia fornecido ao MP (na Avenida Beira-Mar, na Ribeira), no entanto, quando a polícia chegou ao local, havia desaparecido nas sombras. Desde então, é considerado um foragido da Justiça.

Jair Tércio já virou réu pelos crimes oferecidos na denúncia, mas, como está desaparecido, o processo não tem andamento. A prescrição está suspensa enquanto ele não for localizado.

“Nós estamos fazendo nossa parte. O caso não está encerrado com o sumiço de Jair Tércio. Quando ele for encontrado, com toda certeza, o juiz do processo vai levar em consideração o fato dele ter desaparecido para criar obstáculos à Justiça”, diz a promotora Sara Gama.

Após submergir dos “piores anos de sua vida”, Tatiana clama, resoluta, por justiça.

“É importante que ele responda pelos crimes que cometeu e por todo mal que fez a tantas mulheres. Não podemos permitir que estes abusos religiosos continuem acontecendo”.





Jair Tércio durante retiro espiritual na Chapada Diamantina

Alunas relatam abusos psicológicos

“Eu não tive infância, nunca tive a oportunidade de acreditar em contos de fadas”, conta uma das vítimas do líder espiritual, que estudou na escola Ananda, em Itapuã. Ao **Jornal da Metrópole**, ela explica que Jair Tércio impunha muitas regras sobre como deveria se portar, que roupas usar e até com quem conversar.

Próxima dele, a vítima diz que ele queria ser chamado de “avô”, mas ela não obedecia. “Eu não podia nem sair de casa. Não queria seguir as regras e via outras pessoas na minha escola que não eram desse meio e tinham liberdade, eu me perguntava o porquê. Questionei aos meus pais e eles me falavam que era errado, criei uma coisa dentro de mim que eu sempre estava errada em tudo”. E continua: “Ele contava que as mulheres esta-

vam no mundo para sofrer e usava isso como justificativa para que a gente não se questionasse sobre as coisas”.

Outra jovem ouvida relata que foi obrigada a namorar com um menino para ‘curar’ sua homossexualidade. “Eles diziam que meu desejo de gostar de outras meninas era pecado. Fui estimulada o tempo todo a criar sobre mim uma pesada culpa. Isso me trouxe inúmeros problemas que só agora estou resolvendo na terapia”, diz.

A estudante conta que a escola tinha duas disciplinas estritamente ligadas a Jair Tércio. A primeira chamada “iniciação à consciência” (no ensino fundamental) e a segunda “a consciência” (no ensino médio). Em ambas, estudavam os textos do guru e seus ensinamentos sobre o mundo.

Fundação e escola negam vínculo com ‘guru’

A Fundação OCIDEMNTE e a Escola Ananda não são citadas nas denúncias do Ministério Público da Bahia. Uma das vítimas que conversou de forma anônima com o **Jornal da Metrópole** disse, no entanto, que Jair Tércio era dono da escola. “Ele criou, escolheu o nome, vivia dentro do espaço, decidia tudo. Todo o planejamento da estrutura física, todos os projetos e também o conteúdo passava por ele”, disse.

A vítima revela ainda que isso também se aplica à Fundação OCIDEMNTE. “Mesmo depois do nome dele ser retirado da instituição, em 2017, continuou exercendo seu papel de liderança. Isso acontecia abertamente até 2020 quando o MP acatou a denúncia”.

Procurada pela reportagem, a escola Ananda afirma que Jair Tércio nunca teve ligação com instituição. Segundo o advogado Paulo Carneiro, Jair não ditava o con-

teúdo programático, nem era professor. Compareceu em alguns eventos, por sua ligação com a Fundação OCIDEMNTE, com a qual a escola tinha uma parceria. “Todas as alunas que fizeram denúncia contra Jair tinham relações pessoais com ele, fora dos muros da escola”, diz.

A Fundação OCIDEMNTE emitiu comunicado afirmando que o educador Jair Tércio fez parte da idealização da instituição, mas desde 2017 está afastado e não exerce atividade.

O diretor Jeferson Freire afirmou que Jair se afastou da Fundação quando assumiu compromisso com a maçonaria, em 2012, mas só tem documento que comprova o desligamento em 2017. Responsável pela banda Mahatma, Jeferson explica ainda que o líder era um entusiasta do projeto, mas “nunca fez gestão do trabalho”.

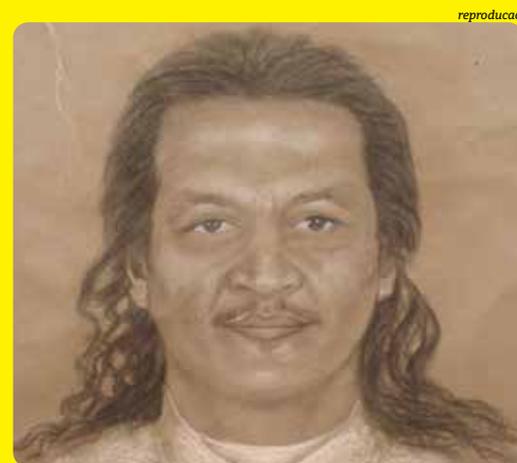


Imagem representava Jair como a encarnação de Cristo

A reportagem também procurou a Loja Maçônica da Bahia, que não quis se pronunciar. A organização apontou apenas que não tem mais ligação com Jair Tércio e que, após processo interno, ele foi expulso da Ordem.

O advogado Fabiano Pimentel, que representou Jair Tércio antes dele fugir após a ordem de prisão decretada, também foi procurado. Ele visualizou as mensagens de texto enviadas, mas ignorou e não respondeu.



A humanidade evoluída na selfie da vacina

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Dois exemplares da humanidade que, segundo os good vibes porta-vozes da positividade, sairia muito melhor e evoluída da pandemia, afinal o vírus é professor e veio para ensinar coisas, deram o ar da graça nessa semana no posto drive-thru de vacinação no campus da Ufba de Ondina. Irritadíssimas, filha e mãe ficaram furiosas porque a vacinadora não podia lhe mostrar, na fila de carros, o frasco de onde havia saído o líquido da ampola da vacina que seria aplicada. Agressivas, ao ponto de precisarem ser contidas para voltar pra dentro do automóvel, gritavam, xingavam, e a filha acusava as vacinadoras de terem batido em sua mãe. Batido.

Sim, as pessoas, em seus carros, querem que os profissionais de saúde que aplicam as vacinas voltem para as tendas para pegar os recipientes de onde saiu o imunizante da seringa, sem que tenham que sair da fila de carros. Ancoram sua exigência nas evidências já registradas por aí de aplicação de vacinas de vento e avançam uma casinha na desconfiança: a ampola tem líquido, mas querem ver o frasco de onde aquilo saiu e querem ser atendidas nessa cobrança em seus carros. No drive-thru do McDonald's, ninguém exige ver o saco de batatas de onde saíram as fritas, mas vacinadora é vacinadora. Tem que ir buscar o frasco, se não quiser enfrentar agressividade e escândalo.

Se as imagens de mãe e filha sendo contidas ao descerem do carro agressivas já eram suficientemente repulsivas na tela da TV, a cena e o espanto pioraram quando uma vacinadora aparece narrando para a repórter os maus fatos de que tem sido vítima por parte da população que vai se vacinar. É grande a quantidade de gente que, mais preocupada em registrar a cena para postar nas redes sociais, não presta atenção à ampola nem ao pedido das vacinadoras para que olhem a inoculação. Uma vez feita a foto, voltam à realidade e, como o procedimento é muito rápido, reagem perguntando: Cadê o líquido da ampola? Por que foi tão rápido? Cadê o frasco?

CAPITÃ CANCELADA

E a falta de noção avança. Como garantir os likes nas redes é tão ou mais importante que a vacinação em si, a humanidade evoluída tem sido forçada a demandar da equipe de vacinação um plus. Quem nunca ficou insatisfeitíssimo com o que viu de si na tela do celular e quis repetir o close mais de uma, de duas ou de três vezes? Pois é, esse tem sido um fenômeno presenciado pelas vacinadoras.

Em entrevista, uma delas testemunha as queixas de vacinados que, por não gostarem da estética do registro fotográfico, pedem para os profissionais

de saúde simularem com a agulha uma inoculação de mentirinha, só para garantir a selfie. Se vale a máxima de 'o não já se tem, então o que custa lutar pelo sim', que mal há no pedido para o faz de conta? O problema está no fato de as equipes terem muito o que fazer, de estarem ali para fazer o seu trabalho e não cenografia para compor a cena alheia de feed das redes. Mas, por dizerem não à simulação, são os vacinadores que têm sido ofendidos e xingados.

E por falar em ofensa, xingamento e selfie da vacina, quem recebeu a rebordosa por postar o close da imunização foi a capitã cloroquina, a médica Mayra Pinheiro, secretária de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, do Ministério da Saúde. Após postar foto anunciando sua vacinação, ela foi objeto de cancelamento do bolsonarismo, boquiaberto e decepcionado, por vê-la recorrendo à vacina. Como assim, uma moça tão esclarecida fazendo publicidade de vacina? Mayra sentiu o peso da ira dos aliados e desativou os comentários.

Garantir os likes nas redes é tão ou mais importante que a vacinação em si





Por dentro da ocupação

Jornal da Metropole teve acesso ao prédio na Avenida Sete que abriga 207 famílias que perderam suas casas durante pandemia. As histórias são de drama, superação e, sobretudo, solidariedade

Foto 1: moradores ajeitam barracas no quarto andar. Foto 2: fachada do prédio. Foto 3: Danilo Santos, segurança. Foto 4, 5 e 6: moradores cumprindo atividades

Fotos Manuela Cavadas

Texto Adele Robichez

adele.robichez@radiometropole.com.br

Sem moradia, sem emprego e sem dinheiro. Em uma pandemia. Essa é a situação das 207 famílias que ocupam hoje um prédio na Avenida Sete de Setembro, esquina com a Praça Castro Alves, no centro de Salvador.

Na fachada do edifício de cinco andares, onde funcionava o antigo Centro Estadual de Educação Magalhães Neto, bandeiras agora estampam as letras MLB — sigla simplificada para o Movimento de Lutas nos Bairros, Vilas e Favelas de Salvador.

Antônio dos Santos, 50 anos, fica na portaria, cuidando da segurança. “Eu estava na casa de um pessoal, mas tive que sair porque fiquei sem dinheiro para pagar o aluguel. E, nisso, a pandemia teve muito impacto. Antes, não ficava parado, fazia dois, três serviços e, hoje, bato nas portas, mas elas estão sempre fechadas”, relata.

Antes da ocupação nascer foram realizadas reuniões que duraram cerca de três

meses. Neste tempo, fizeram o estudo da estrutura do imóvel, a organização das tarefas e a definição de regras de convivência. Com lembretes e instruções em várias paredes dos corredores, todos os moradores, divididos em cinco comissões, contribuem com a organização do espaço.

É nesse espírito colaborativo que funciona a Ocupação Carlos Marighella, que homenageia o guerrilheiro e ex-deputado federal baiano, morto pela repressão militar, em 1969.

Também na área da segurança, Danilo Santos de Jesus, 26, participa da escala da guarda do portão. Das 3h às 5h ele fica de vigia. Já em sua segunda ocupação, conta que ficou sem moradia também pela pandemia. “Já morei em uma residência no Uruguai, mas sem trabalho, fui despejado. Aqui na ocupação a gente tem o direito de morar, como todo mundo”. Pai de dois filhos, conseguiu um espaço no segundo andar para montar sua barraca de acampamento.

Em cada andar, há cerca de 16 a 17 barracos em construção. Eles são feitos com tábuas de madeirite. Por enquanto, as delimitações, de três metros quadra-

dos cada, são com fita adesiva no chão ou livros didáticos amontoados. Dentro dessas áreas, há, muitas vezes, apenas um colchão a ser compartilhado pela família.

“Sempre estive na rua. Aí, agora aqui está ótimo”, diz Mariza de Jesus, 54.

Ela mora no térreo com mais quatro pessoas e cuida da limpeza.

A equipe da limpeza é composta também por Islaine Souza, 39, grávida do seu quarto filho. Ela não para de trabalhar e acorda todas as manhãs para retirar as pilhas acumuladas de lixo. Assim como a grande maioria das pessoas na ocupação, está inscrita em programas habitacionais, mas ainda não obteve retorno. “Sou inscrita no Minha Casa Minha Vida desde 2009. Eu tinha um espaço, foi indenizado, só que até hoje não fui contemplada”.

PARCEIROS

O quinto e último andar ainda está desocupado. O espaço está com muita



Luta para manter o espaço

O prédio ocupado pertence ao Governo da Bahia, mas estava abandonado há anos. Antes de ser a Ocupação Carlos Marighella ou o Centro Magalhães Neto era uma das sedes da Embasa.

“Segundo a Constituição brasileira, morar dignamente é um direito humano. Ela diz que todo mundo tem que ter casa, todo mundo tem que ter moradia, mas isso não é cumprido”, afirma Victor de Souza, 26, um dos líderes do MLB.

Apesar dos anos em desuso, a Embasa já avisou que irá entrar com um pedido de reintegração de posse. No primeiro dia de ocupação, informou Victor, a polícia tentou expulsar as pessoas do local, mas os advogados do Serviço de Apoio Jurídico (Saju), da Ufba, conseguiram impedir a remoção.

“A gente teve informação que ele estava abandonado há pelo menos seis anos, mas outras fontes afirmaram que ele está abandonado há quase 12 anos”, diz William Santos, 24, outro representante do MLB. Durante o período da pandemia, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou, por meio de uma liminar, a proibição de despejos. O MLB reconhece que a medida é favorável à ocupação, mas critica que ela seja feita apenas durante a crise sanitária.

“É um absurdo a gente ter prédios como este, servindo à especulação imobiliária, enquanto existem, só em Salvador, 110 mil famílias que não têm onde morar”, declara Santos.

Em reunião com Ana Paula (DEM), vice-prefeita de Salvador, a Comissão das famílias da Ocupação Carlos Marighella clamou por ajuda. Por ser um prédio do estado, porém, a administração municipal se comprometeu apenas com questões mais paliativas, como a resolução de documentos. A assembleia com a prefeitura foi intermediada pela vereadora Maria Marighella (PT), neta do comunista baiano que dá nome à ocupação.

infiltração, entulhos e o teto destruído. Já nos outros quatro vãos, a faxina geral já foi praticamente finalizada. A comissão da estrutura também se vira para tornar o local habitável.

Os ocupantes têm ajuda de parceiros para a instalação de luz, água e internet no prédio. Um deles é Anderson do Rosário Silva, 43, que está “dando uma força” nos trabalhos.

“Eu sei que as pessoas que estão aqui não estão porque querem, mas porque precisam. Vim fazer a iluminação, colocar luz do térreo até o último andar e já fiz a instalação hidráulica”, fala, orgulhoso.

A necessidade citada por Anderson é sentida por Manuela Santana, 36. Mãe de seis filhos, ela não tem trabalho e o seu marido perdeu o emprego há três anos. Hoje, ele vive separando entulho e vendendo para reciclagem. O valor de R\$ 300 do Bolsa Família é insuficiente para manter os seus filhos e o aluguel de uma casa. “Eu estava sem moradia porque eu tinha entregado o vão que eu aluguei. Com o dinheiro da Bolsa Família, eu pagava aluguel e eu e meus filhos ficávamos com fome”, diz.

HISTÓRICO

2016 O mesmo grupo da ocupação Carlos Marighella esteve antes na ocupação Luísa Mahin, no bairro do Comércio.

2018 As pessoas foram retiradas de lá, quando o Governo da Bahia emitiu um mandado de desocupação. Na ocasião, foi prometido às famílias moradias no conjunto habitacional Vivendas do Mar, em Paripe, o que até hoje não foi cumprido.

2020 Selma de Jesus Batista morreu de parada cardiorrespiratória enquanto lutava por uma moradia digna. Hoje ela é o símbolo para o movimento e será homenageada batizando a creche que será construída na atual ocupação na Avenida Sete. A creche vai acolher 60 crianças.



Cloroquina paga com dinheiro do BNDES?

Senadores da CPI da Covid, dentre eles o baiano Otto Alencar (PSD), vão investigar se dois dos principais laboratórios do país usaram dinheiro do BNDES para a produção de hidroxiclороquina, medicamento defendido por Jair Bolsonaro (sem partido) e sem eficácia comprovada no tratamento contra a Covid-19. Segundo documentos que embasam a apuração, a Apsen Farmacêutica e a EMS, juntas, assinaram ao menos quatro pedidos de empréstimos, com valor total de R\$ 283 milhões. Todos os contratos foram firmados em 2020, a maioria com a pandemia já em curso. Procuradas pelo **Jornal da Metrópole**, ambas as companhias negaram empregar recursos federais na fabricação de hidroxiclороquina. O BNDES, por sua vez, diz que jamais liberou tais valores para a produção da droga ineficaz.



agencia para

Otto Alencar, diploma comprovado

E, por falar em CPI, Otto Alencar (PSD) viu-se obrigado a provar para militantes bolsonaristas que, antes de entrar na vida pública, já exerceu atividades na área da medicina. Alvo de fake news questionando sua formação, o senador divulgou no twitter uma declaração na qual consta sua atuação como professor de ortopedia e traumatologia na Faculdade de Medicina da UFBA, onde formou-se em 1972.



reproducao

A VERDADE ACIMA DE TUDO

Os ataques surgiram após Otto confrontar a oncologista Nise Yamaguchi, deixando-a constrangida por não saber a diferença entre um protozoário e um vírus. “Inimaginável a criatividade criminosa dos que são pagos por empresários bolsonaristas e outros na condenável prática de fake news”, criticou Otto.



marcelo camargo/agencia brasil

Direito de espernear

Expulso do DEM após entreveros com ACM Neto, presidente nacional do partido, Rodrigo Maia voltou a compará-lo a Tomás de Torquemada, tiranete que passou à história como “O Grande Inquisidor da Espanha”. Maia não digere o fato de o ex-prefeito soteropolitano não ter apoiado Baleia Rossi (PMDB) na disputa para sucedê-lo no comando da Câmara. Rossi, que depois também acabaria rompendo com ACM Neto, foi derrotado por Arthur Lira (PP), ungido por Bolsonaro. Para o também deputado federal Leur Lomanto Júnior (DEM-BA), o parlamentar carioca passou dos limites. “Rodrigo Maia age de forma infantil, desequilibrada, desproporcional. É de se lamentar, pelo que já representou dentro do partido e como presidente da Câmara, que se comporte dessa forma”, reagiu.

Namoro que não engata

O presidenciável Ciro Gomes (PDT), em tour pela Bahia na última semana, não teve agenda com o ex-prefeito ACM Neto, presidente do DEM. Ambos costuram uma aliança para as eleições de 2022. No palanque estadual, o ex-prefeito de Salvador teria apoio pedetista para fazer frente a Jaques Wagner, pré-candidato do PT e disposto a ocupar o Palácio de Ondina pela 3ª vez. No plano nacional, Ciro aglutinaria o DEM em sua tão sonhada coalizão contra uma possível volta de Lula ao Planalto e a reeleição de Bolsonaro. Indagado sobre as conversas com ACM Neto, o político cearense citou como entrave uma eventual candidatura própria da sigla à presidência. “Vou responder respeitando a ideia de que o DEM está examinando a possibilidade de ele próprio ter um candidato, que é o ex-ministro Mandetta”.

PSB acolhe Freixo

A presidente do PSB na Bahia, Lídice da Mata, aposta que a chegada de Marcelo Freixo no partido fortalecerá a esquerda em sua cruzada contra o bolsonarismo. A começar pelo Rio de Janeiro, onde o deputado federal se lançará candidato ao governo a fim de apear do Palácio das Laranjeiras Cláudio Castro (PSC), herdeiro do impichado Wilson Witzel e aliado do presidente da República. “Já respiramos um pouco na capital [com a saída de Marcelo Crivella]. Agora, toda a oposição, principalmente no Rio, tem a esperança de que Freixo possa alçar voos mais altos”, torce Lídice. Ao comunicar a sua saída do PSOL, o próprio Freixo assumiu a missão. “O nosso dever histórico é derrotar Bolsonaro nas urnas e o bolsonarismo enquanto projeto de sociedade. E sei que o PSOL e eu estaremos do mesmo lado para cumprir essa tarefa”, publicou o deputado.

Tabacof: o comunista guardava sonhos

Morto aos 91 anos, Boris Tabacof foi militante do PCB, secretário de governo, escritor e empresário de sucesso

☆ 28.07.1929

✝ 15.06.2021

Texto **Gabriel Amorim**

gabriel.amorim@radiometropole.com.br

Boris Tabacof teve uma vida longa marcada por impressionantes e bem-sucedidas guinadas. Na última terça-feira, aos 91 anos, sua celebrada trajetória foi interrompida com a confirmação de sua morte, por complicações de uma pneumonia.

Filho de imigrantes judeus russos, nasceu em 28 de julho de 1929, em Salvador. Na juventude foi filiado ao Partido Comunista do Brasil (PCB) e em 1952, durante o governo de Getúlio Vargas, foi confinado e torturado por vários dias no Forte do Barbalho. Anos depois, em 2013,

deu o primeiro depoimento da história da Comissão Nacional da Verdade, relatando as torturas cometidas durante o período de um governo legitimamente eleito.

Tabacof foi, ainda, secretário da Fazenda do Estado dos governadores Lomanto Junior e Luiz Viana Filho, além de professor de economia na Universidade Católica.

Em São Paulo, criou a empresa de celulose Suzano, referência na produção de papel no país. Ainda no campo empresarial, foi presidente do Conselho Superior de Economia da Fiesp (Federações de Indús-

trias de São Paulo) e do Conselho de Administração da Suzano. Em 2005, escreveu um livro de memórias, intitulado “Perdidos e Achados”, que conta sua trajetória de jovem comunista até se tornar um empresário bem-sucedido.

“Uma das grandes figuras deste país. Iluminou muita gente, inclusive a mim, com seu conhecimento, sua inteligência, sua visão de mundo, com a experiência de ter sido um jovem que queria uma sociedade mais justa”, disse Mário Kértész, em homenagem ao amigo.



OBITUÁRIO



METROPOLE

Responsável Técnico:

Dra. Silvânia Rocha

CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA

para você!



INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br

71 9 9684 - 9438

SR
CURSOS

Curso
VIP



Faz parte do meu show ao vivo

Texto **Juliana Rodrigues**
juliana.rodrigues@metro1.com.br

Você já se imaginou parando para ver uma live de uma pessoa comum lavando louça ou limpando a casa? Já teve curiosidade de assistir ao vivo o processo de produção de um salgado? Já pensou em acompanhar o movimento das ruas de Salvador à noite sem sair do sofá?

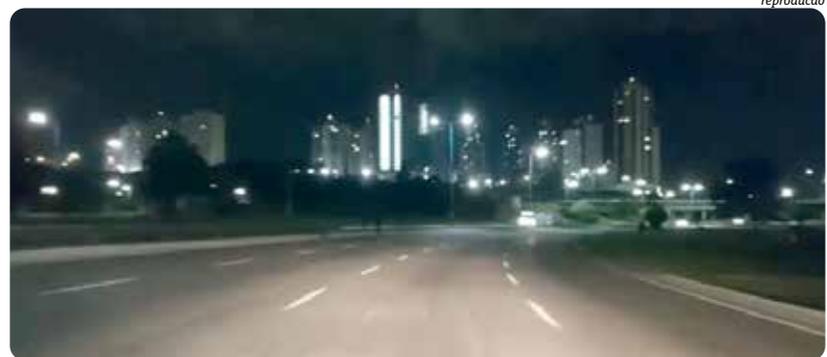
Pode parecer loucura, mas a nova tendência das redes sociais é essa: por meio de transmissões ao vivo em redes como YouTube, Tik Tok e Instagram, os usuários compartilham momentos do cotidiano e revelam segredos de suas rotinas. Inicialmente anônimos, muitos acabam alcançando a marca de milhares de seguidores.

O administrador Marcelo Sant'Anna, 42 anos, é um deles. Cansado de maratona séries durante a pandemia, entrou no Tik Tok em busca de uma nova distração e hoje tem mais de 40 mil seguidores. "Chega uma hora que você quer fazer uma coisa diferente. Aí surgiu o Tik Tok na minha

Cresce entre anônimos a produção de lives retratando momentos banais da vida, como lavar pratos ou dirigir; estudiosos classificam fenômeno como "espetacularização do eu"



Usuário do TikTok ensina a fazer bolo em live com o público



Motorista Cláudio Sena transmite suas corridas ao vivo pelo YouTube



vida. Eu comecei a criar vídeos, dançar e isso me ajudou a superar a timidez”, relata. Além das tradicionais “dancinhas”, Marcelo passou a fazer lives em diversos momentos do dia, inclusive no horário de trabalho, explicando como preencher planilhas e batendo papo com o público.

Segundo ele, as transmissões são uma forma eficaz de ganhar dinheiro e seguidores com as mídias sociais, mas também contribuem para aproximar as pessoas em tempos de crise sanitária. “A maioria das pessoas que entram nas lives querem saber da sua vida. Eu percebi que conversando e chamando as pessoas pelo nome, você conquista muito mais”, explica.

DE CARONA PELA TELA

O isolamento imposto pela pandemia também trouxe um novo público para o motorista por aplicativo e youtuber Cláudio Sena, 54 anos. Ele conta que já fazia lives voltadas para outros usuários de plataformas como Uber e 99Pop, debatendo

questões da categoria. Nos últimos três meses, decidiu experimentar a transmissão ao vivo de suas corridas noturnas e ficou satisfeito com o resultado.

“Para minha surpresa, a adesão foi muito grande. O engajamento foi acima de qualquer expectativa, pude me aproximar mais do público. O canal nasceu voltado para motoristas de aplicativo, mas hoje tenho um público crescente que não tem nada a ver com esse nicho, inclusive internacional. Tem gente que é de Salvador e assiste para matar a saudade da cidade”, afirma.

Além da “saudade da rua”, Cláudio atribui o crescimento também a outro fator. “Eu não sou historiador, mas sou apaixonado por história. Eu pesquiso, leio muito sobre a história da cidade. Volta e meia eu paro junto a algum monumento, durante as lives, e conto a história dele”, explica, sem deixar de citar um dos ‘pontos turísticos modernos’ da capital: “Outro dia perguntaram sobre os locais onde moram os famosos em Salvador e eu aproveitei para mostrar o prédio onde

Ivete Sangalo mora [Mansão dos Cardeais, na Vitória]. Conteí a história dele”.

As lives de Cláudio ocorrem pelo YouTube, às segundas, quartas e sextas, e atraem até 5,5 mil espectadores simultâneos. Os passageiros que embarcam no veículo são avisados sobre a transmissão das corridas pela internet e têm reações variadas. Alguns preferem não interagir, enquanto outros aproveitam os minutinhos de fama. “Teve um caso específico que foi bem divertido. Levei duas garotas de São Marcos para Sussuarana. Quando elas viram que estavam ao vivo, elas brincaram com a turma, apareceram, fizeram a maior festa”, lembrou.

Alguns “passageiros virtuais” dos motoristas youtubers têm divulgado a descoberta nas redes sociais. “Quando estou entediada, entro no YouTube para ver Uber ao vivo rodando em Salvador, já que não posso sair de casa”, disse uma usuária do Twitter, que classificou Cláudio como “o melhor de todos”. Outra internauta considera o conteúdo como “puro entretenimento”.

Pandemia impulsiona comportamento

Doutor em Comunicação e Cultura Digital pela Universidade Federal da Bahia (Ufba) e consultor digital, o pesquisador Marcel Ayres aponta que o interesse por transmissões ao vivo feitas por pessoas comuns está diretamente ligado à pandemia de Covid-19. As lives de motoristas, segundo ele, “ganham força como uma forma de experimentar a mobilidade, ainda que de forma mediada”. “É compreensível que conteúdos que apresentem ambientes em ar livre acabem se tornando um alívio mental”, pontua.

Já em relação às transmissões de tarefas do cotidiano, feitas principalmente por meio do Tik Tok, o pesquisador avalia que elas são uma forma de expressão pessoal e “espetacularização do eu”. “O vídeo se torna um formato atrativo tanto para quem quer se mostrar, quanto para o consumidor que deseja acompanhar os espetáculos cotidianos”, diz.

Para o professor, doutor em Sociologia e coordenador do Laboratório de Pesquisa em Mídia Digital, Redes e Espaço (Lab404) da Ufba, André Lemos, o público que assiste a essas lives busca uma maior sensação de proximidade em tempos de distanciamento social, mas também tem curiosidade pela vida alheia. “Estamos mais ou menos confinados, então a banalidade do outro dá um certo conforto. Eu vejo a minha vida banal, mas a de todo mundo também é, então eu posso ficar tranquilo”, comenta.

O coordenador do Lab404, também colunista da **Rádio Metropole**, relaciona o fenômeno aos reality shows televisivos.

“É como se houvesse um curto-circuito das mídias massivas com essas mídias pós-massivas. Acho que tem uma influência grande dos reality shows em seus diversos tipos. Essas pessoas rapidamente viram influencers”, afirma.



Usuária mostra suas habilidades ao vivo lavando os pratos na pia

ENTREVISTA

Roberta Caires

VEREADORA (PATRIOTAS)



Vereadora em primeiro mandato, Roberta Caires (Patriota) leva para seu trabalho na Câmara de Salvador a experiência acumulada em cargos de confiança exercidos na segunda gestão do ex-prefeito ACM Neto (DEM).

Em entrevista a Mário Kértész, a vereadora, que foi presidente da Fundação Cidade Mãe e comandou a diretoria de Proteção e Defesa do Consumidor de Salvador (Codecon), comentou a razão de ter seguido novos caminhos na carreira pública. “Acredito que seja extremamente importante para nós, mulheres, que a gente se projete, que esteja cada vez mais alcançando posições de poder, de tomada de decisão para trazer esse equilíbrio na política”, afirmou.

Eleita com 7.090 votos, Roberta disse que ocupar pela primeira vez um espaço na Câmara não assusta. “Está sendo um momento, por conta da pandemia, de muitas novidades. Eu acredito que, com força, resiliência, resistência, a gente vai superando”, disse, durante a entrevista.

FRENTE DA MULHER

Uma das primeiras iniciativas de Roberta, a criação da frente parlamentar, busca ajudar mulheres empreendedoras no crescimento de seus negócios. “A Bahia tem uma riqueza de jovens que estão criando, produzindo, de mulheres que estão indo com toda força para o mercado de trabalho. E nós precisamos levar isso para a ponta, para as comunidades. Ir do micro, para o macro, das comunidades de Salvador, para Salvador e de Salvador para a Bahia”, pontuou.

CONSUMIDOR E VOCÊ

Outro projeto de Roberta, herança de sua gestão na Codecon, o ‘Consumidor e Você’, será levado para toda cidade. Por meio de eventos online e presenciais, o projeto quer criar uma relação de confiança entre consumidores e fornecedores.

“Há uma cultura de desconfiança nessa relação. A gente observa a burocracia que é para trocar um produto que veio com vício ou com defeito. A gente quer que a relação entre clientes e empresários deixe de ser um ringue onde um tem que perder para o outro ganhar”, diz.



ENTREVISTA

Miriam Goldenberg

ANTROPÓLOGA E ESCRITORA

Uma vida com propósito, amigos e amores para compartilhar. Essas são as dicas da antropóloga, escritora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Miriam Goldenberg para uma boa velhice.

A pesquisadora falou, em entrevista a Mário Kertész, na **Rádio Metropole**, sobre a nova edição do seu livro "A invenção de uma bela velhice", que reúne os resultados de mais de 30 anos de pesquisas com 5 mil idosos nonagenários.

"Nesta pandemia eu pude colocar em prática tudo que venho aprendendo nesses anos de pesquisa. Meu lema agora é: um dia de cada vez com tudo que faz bem". Sobre o momento de crise atravessado no mundo, Miriam diz que é preciso fazer uma escolha. "Nós temos a liberdade de escolher a atitude que nós podemos ter frente a um sofrimento inevitável. Nós somos livres para escolher se nós vamos atrapalhar, ser vampiros, parasitas e destruir a vida das pessoas, ou ajudar, cuidar, sermos amorosos. Nós podemos escolher qual atitude podemos ter e essa liberdade ninguém pode tirar da gente".

DIZER NÃO SEM CULPA

Outro aprendizado vindo dos momentos difíceis de isolamento acabou se transformando num hábito da pesquisadora. Segundo ela, dizer não sem culpa é outro ponto importante de uma velhice feliz. "Eu aprendi muito nessa pandemia a dizer não. Antes eu aceitava tudo, por vaidade, por medo, por vergonha ou culpa de dizer não. É como se eu tivesse só um barquinho para atravessar essa tempestade, um barco pequeno, e se eu colocar tudo que querem dentro do barco ele vai afundar. Quando eu penso nesse barquinho é fácil começar a dizer não", ilustra.

VELHOFOBIA

Nos anos de pesquisa a professora diz ter se deparado com uma realidade cruel e afirma que o Brasil sofre do que ela chama de "velhofobia". Segundo Miriam, os números mostram que 51% dos abusos contra idosos são praticados em casa pelos filhos e outros 10% pelos netos.

Nós somos livres para escolher se vamos ser vampiros ou ajudar e sermos amorosos

ENTREVISTAS



METROPOLE

FAKE NEWS É IGUAL À PANDEMIA: ESPALHA E PODE MATAR.

As fake news também se tornaram uma pandemia no Brasil. São mentiras que circulam nas redes sociais, mas causam estragos reais, que podem até matar. Uma das maiores vítimas desses ataques é o Governo do Estado. Por isso, sempre que receber uma mensagem, desconfie antes de compartilhar. O Governo do Estado desenvolveu um site para ajudar você a pesquisar melhor: www.bahiacontraofake.com.br. Com fake news é assim: ou você derruba ou você cai.

